

DANS LA GUERRE: UM OLHAR FEMININO SOBRE A GUERRA

Maria Estela dos Santos LIMA*

RESUMO: A autora francesa contemporânea Alice Ferney vem ganhando espaço no cenário literário francês com obras que demonstram um estilo cada vez mais maduro. Apesar de suas obras já terem sido traduzidas para vários outros idiomas, Ferney é ainda bastante desconhecida no Brasil. Este artigo busca apresentar a escritora francesa ao público brasileiro, comentando um de seus romances de grande sucesso de público e crítica, *Dans la Guerre*, publicado na França em 2003.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Francesa Contemporânea. Literatura Feminina. Alice Ferney.

Alice Ferney começou sua carreira literária em 1993, com a publicação de *Le Ventre de la Fée*. A escritora, cujo verdadeiro nome é Cécile Brossellet-Graviloff, nasceu em 21 de novembro de 1967, em Paris. Alice Ferney foi o pseudônimo que escolheu, por sua admiração pela obra *Alice no país das maravilhas* e como homenagem à Ferney, cidade natal de Voltaire. Alice estudou comércio na *École Supérieur de Sciences Économiques et Comptables* (ESSEC) e doutorou-se em Ciências Econômicas, conciliando hoje sua atividade de romancista com a de professora na *Université d'Orléans*. Começou a escrever ficção em 1987 e, depois da primeira obra publicada, seguiram-se *L'Élegance des veuves* (1995), *Grâce et dénuement* (1997, ganhador do prêmio *Culture et Bibliothèque pour tous*), *La conversation amoureuse* (2000), *Dans la guerre* (2003, indicada ao prêmio *Goncourt* 2005) e *Les autres* (2006). Além dos seis romances já publicados, Ferney participou também, junto a outros nove autores, da obra *La plus belle histoire de l'amour* (2003), organizada pela escritora Dominique Simonnet, obra na qual se pretende traçar uma possível história do amor, da antiguidade até os dias de hoje. A autora vem conquistando espaço no meio literário francês e já teve suas obras traduzidas para diversos idiomas, inclusive o português, mas publicado apenas em Portugal.

* Mestranda em Língua e Literatura Francesa. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Modernas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – mariaestelalima@gmail.com

Em seus romances, a escritora francesa explora constantemente temas como a feminilidade, a maternidade, o sentimento amoroso, as diferenças entre os sexos. Ainda que bastante diversas entre si no que concerne ao enredo, suas obras têm algo que as caracteriza e lhes dá a assinatura da autora: os contínuos questionamentos sobre o papel da linguagem nas relações humanas. Incipiente em *Le ventre de la fée*, esses questionamentos parecem ir ganhando importância ao longo de sua produção romanesca para, finalmente, apresentar-se em seu último romance, *Les autres*, como conteúdo e forma que se complementam, marcando a maturidade artística da autora. A escrita de Ferney parece ir se apurando de um a outro romance, mas já mostra desde o primeiro aquilo que a caracteriza: o texto apresentado como um bloco de imensos parágrafos, com os diálogos inseridos no corpo destes, sem separação com travessão; a mescla de vozes entre narradores e personagens; o discurso indireto livre; o monólogo interior; uma pontuação que foge às regras. Além dos temas citados anteriormente, há motivos subjacentes que permeiam todos os seus romances, em maior ou menor grau, como pequenas obsessões da autora, criando uma espécie de circularidade em sua obra: o tempo que passa; a intangibilidade do outro; o papel da linguagem nas relações humanas e o silêncio como sua contraparte necessária.

Dans la guerre (2003), seu quinto romance, teve uma excelente recepção de público e crítica e parece ter consagrado a autora nas letras francesas, sendo indicado ao prêmio *Goncourt*, embora sem tê-lo obtido. A obra é um retrato da primeira guerra mundial, não a contada pela história oficial (mesmo se apresenta uma extensa pesquisa histórica), mas a vivida pelos que nela entraram obrigados, como camponeses, operários, comerciantes e, sobretudo, as esposas, filhas e mães destes homens. Neste romance, Alice retoma, ainda que camuflados, seus temas prediletos que já apareciam anteriormente: o sentimento amoroso, a feminilidade, a maternidade, as relações entre os sexos, o feminino representando a paz em oposição ao mundo masculino das batalhas. A guerra de 1914-1918 é descrita em detalhes que escapam à história oficial: os sentimentos contraditórios experimentados pelos homens que partem sem saber quando e se voltam, a revolta inútil e o sofrimento das mulheres que ficam sem saber o que esperar, as dores das famílias desfeitas, a inutilidade das palavras diante das armas e a mudez resultante disso tudo – eis a temática de *Dans la guerre*.

A trama principal conta a história de um jovem casal apaixonado, Jules e Félicité, com um filhinho de dois anos, que se vê obrigado a se separar para que o homem cumpra seu dever patriótico de defender a França contra os alemães.

A partir daí, Ferney narra, por um lado, a história dos que ficam, esmiuçando os sentimentos experimentados por aquelas mulheres que de um momento para outro se encontram num mundo desprovido de homens; e, por outro lado, a história destes homens que partem e sentem na carne os horrores da guerra.

Mesmo tratando de um tema inabitual em sua obra, Ferney aborda aqui uma das principais questões de seus romances: as diferenças entre homem e mulher, o papel de cada um diante do outro e diante do mundo, numa constante comparação entre estes papéis, não só naquele momento histórico, mas também de maneira atemporal, evidenciando o que distingue um do outro e o que os aproxima.

Félicité é o retrato da mulher diante da guerra, a mulher que se revolta, sofre, resigna-se e espera. Mas também a mulher que desperta para a realidade de si mesma, sozinha em seu mundo sem seu homem, deparando-se com todos os seus medos e fraquezas, mas descobrindo sua força, aquela que a faz levantar pela manhã e enfrentar os trabalhos da terra e os deveres de mãe, já que outros seres dependem de suas mãos e de seu amor. Ferney não perde a oportunidade de demonstrar o quanto a mulher, muitas vezes, precisa e consegue ser mais forte do que ela imagina poder ser (e do que a fazem acreditar que é) – como faz, aliás, em seus romances anteriores *L'élégance des veuves* e *Grâce et dénuement*. Essa importância da força feminina aparece mesmo entre os homens no front, que do fundo de seu pavor diante dos horrores da guerra, clamam pela “mãe”, a sua mãe, a que cuidava deles quando criança.

Jules é o homem amado, bom pai, bom filho, esposo fiel e amante carinhoso. Reúne em si as qualidades de quem teve a inteligência estimulada por bons mestres e a sabedoria alimentada pela observação da natureza, além de se nutrir de uma moral cristã. Esse homem de poucas palavras, que conversa com animais e sabe ouvir os homens, é enviado junto a tantos outros a uma guerra que não é a sua. “O que dizer daquele cuja angústia sem palavras é um silêncio?” (FERNEY, 2003, p.55, tradução nossa)¹. É principalmente através deste personagem que Alice Ferney aborda mais uma das questões tão caras aos seus romances: o papel da linguagem nas relações humanas, a inutilidade das palavras, os silêncios que dizem mais do que longos discursos. Não raro, ao tratar de Jules, o assunto surge, seja em reflexões feitas na voz do narrador ou nas reflexões do próprio personagem: não se trata apenas das dificuldades de comunicação provocadas pela guerra, mas sim agravadas por ela, mostrando

¹ «Que dire de celui dont la détresse sans mots est un silence.» (FERNEY, 2003, p.55).

o homem diante da impossibilidade de uma verdadeira comunicação, seja por incompreensão, inutilidade ou distância.

Essa questão – primordial em Ferney – aparece também em longos trechos sobre a tentativa de comunicação entre os homens no *front*, entre as mulheres em casa (Félicité e Julia, mãe de Jules), entre o homem e seu deus, entre homens e animais. Surgem extensos parágrafos tentando dar voz àqueles que não a têm: aos homens desprovidos de livre-arbítrio, ao cão Prince e, em menor grau, ao pequeno Antoine, filho dos protagonistas.

Algo peculiar neste romance de Ferney é a presença (fundamental) do cão Prince, que aparece com caráter de personagem importante na narrativa. É como se Prince fosse o contraponto silencioso e necessário à linguagem humana. É para ele que Jules revela tudo o que não pode ou não deve falar aos homens. É com ele que vêm conversar os soldados, é em seu silêncio contemplativo e atento que eles repousam seus espíritos cansados da guerra. O cão Prince é como uma extensão de seu mestre Jules, que conquista o respeito e a amizade de seus colegas justamente por saber ouvir e por dizer o que é preciso no momento preciso. Mas mesmo este homem que parece conhecer tão bem o poder das palavras, mesmo ele se refugia no silêncio de Prince.

Ele sempre havia acreditado no poder secreto das palavras. A palavra transformava o mundo. [...] Sim, era isso que acontecia ao redor do homem: alguma coisa era dita e ninguém mais permanecia o mesmo. O homem era o responsável da palavra. Eis porque era preciso tomar cuidado em falar bem [...]. (FERNEY, 2003, p.22, tradução nossa)².

Há extensas reflexões sobre o papel da linguagem, seja na voz de uma personagem, seja na voz do narrador, ou ainda, numa voz que parece ser a da própria autora mostrando-se em seu texto. Nesses momentos de reflexão, identificam-se as características da escrita de Ferney: a mescla de vozes no texto; a voz autoral surgindo em meio à narrativa; os diálogos inseridos no corpo de longos parágrafos; o uso do discurso indireto livre; as longas digressões que aparecem para explorar determinado assunto ou ilustrar determinada situação.

Julia é a outra personagem feminina da história, a mãe de Jules, que traz em si a personalidade de uma mulher amarga e seca pela vida que teve. Nela, Ferney explora as características femininas opostas (ou complementares) às de

² «Il avait toujours cru aux pouvoirs secrets des mots. La parole transformait le monde. [...] Oui, c'était cela qui se passait autour de l'homme: quelque chose se trouvait dite et plus personne n'était jamais pareil. L'homme était le responsable de la parole. Voilà pourquoi il fallait prendre garde à bien parler». (FERNEY, 2003, p.22).

Félicité. De Julia, não se pode deixar de citar o episódio de seu suicídio, após saber da morte de seu filho mais novo na guerra: a velha amarga e amargurada encaminha-se para o rio, enche seus bolsos com pedras, entra na água e deixa-se morrer afogada. Impossível não pensar em Virgínia Wolf, que se suicidou da mesma maneira.

A narrativa de Ferney em *Dans la Guerre* estende-se por quase quinhentas páginas e acaba apresentando trechos extenuantes e repetitivos sobre a vida dos homens no *front*. Mas por que um romance tão extenso? A razão talvez esteja na demora mesma dos fatos narrados: Alice parece prolongar sua narrativa para ilustrar uma guerra que se estende por longos quase cinco anos: a forma reflete o conteúdo. Ela escreve sem parar sobre o que não faz a obra avançar em nada, resultando disto longos silêncios narrativos que parecem evidenciar que o realmente importante não é a ação, mas a reflexão: um longo silêncio de quase quinhentas páginas para ilustrar o longo silêncio provocado na alma de quem viveu aqueles sombrios anos da primeira grande guerra.

Porque o que é dito é sempre aquém do que aquilo que se desejaria dizer.



Dans la Guerre: a feminine look at the War

ABSTRACT: *The contemporary French author Alice Ferney has been getting more space in the French literary scene with works that display a growing mature style. In spite of her works having been translated to many other languages, Ferney is highly unknown in Brazil. This article aims at introducing the writer to the Brazilian public by commenting one of her successes in selling and criticism Dans la Guerre, released in France in 2003.*

KEYWORDS: *Contemporary French Literature. Feminine Literature. Alice Ferney.*

REFERÊNCIAS

FERNEY, A. **Les autres**. Paris: Actes Sud, 2006.

_____. **Dans la guerre**. Paris: Actes Sud, 2003.

_____. **La conversation amoureuse**. Paris: Actes Sud, 2000.

_____. **Grâce et dénuement**. Paris: Actes Sud, 1997.

Maria Estela dos Santos Lima

_____. **L'élégance des veuves.** Paris: Actes Sud, 1995.

_____. **Le ventre de la fée.** Paris: Actes Sud, 1993.

SIMONNET, D. **La plus belle histoire de l'amour.** Paris: Seuil, 2003.